

Equatorial

v.13 n.24 | jan./jun. 2026
ISSN: 2446-5674

Dossiê: “Velhices e experimentações teórico-metodológico em antropologia”

Apresentação

Amanda Raquel da Silva

Dra. em Antropologia Social - UFRN
amandarq271@gmail.com

Kárita Segato Rodrigues

Doutoranda em Antropologia Social - UFG
Professora Efetiva SEDUC-GO
karitasegatorodrigues@discente.ufg.br

Trajetórias e convergências

Apresentamos o dossiê intitulado “Velhices e Experimentações Teórico-Metodológicas na Antropologia”. A proposta nasceu de uma observação compartilhada pelas pesquisadoras organizadoras: o campo dos estudos sobre envelhecimento tem incorporado, de modo crescente, experimentações teórico-metodológicas que tensionam os modelos clássicos de investigação antropológica. Observação comum, que se manifestou em trajetórias distintas e que encontrou neste dossiê um espaço de convergência.

A partir dessa constatação, privilegamos trabalhos que exploram abordagens criativas e metodologicamente inovadoras, ampliando os debates sobre envelhecimento por meio de olhares interseccionais e transversais ao tema. Em vários dos textos aqui reunidos, encontramos pesquisadoras e pesquisadores que indicam a centralidade do seu envolvimento com o campo, reconhecendo que tais investigações mobilizam afetos,

deslocamentos, escutas e atravessamentos que tensionam as fronteiras entre experiência e teoria, corpo e método, ética e política.

As inquietações que deram origem a este dossiê também são atravessadas pelas trajetórias de pesquisa de suas organizadoras. Em momentos distintos, ambas se aproximaram das velhices por caminhos que indicaram como o trabalho etnográfico ultrapassa frequentemente os limites convencionais da pesquisa, mobilizando corporalidades, afetos, relações de cuidado e formas particulares de participação no campo.

Kárita Segato Rodrigues aproximou-se dos estudos sobre envelhecimento por meio de pesquisas dedicadas às relações entre dança, sociabilidades e velhices. A partir de sua experiência como professora de danças de salão e pesquisadora, passou a investigar contextos frequentados por pessoas mais velhas, reconhecendo que sua própria corporalidade e condição de pessoa dançante eram inseparáveis do processo etnográfico.

Interessada em compreender experiências de velhices atravessadas pela dança, ela percebeu que a sua própria corporalidade e sua experiência como pessoa dançante eram inseparáveis do processo etnográfico. A sua participação, durante o seu doutorado, no Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças (LEX-UFG), coordenado por Carlos Eduardo Henning, lhe proporcionou insights importantes, levando-a a desenvolver uma proposição específica acerca da categoria “observações-dançantes”, combinando-a a uma segunda categoria que, originalmente, denomina de “danço-conversas”. Tais categorias originais nomeiam um modo peculiar de observar eventos em que o corpo da pesquisadora é também instrumento de produção de conhecimento.

As categorias não são usadas pela pesquisadora apenas como técnicas de coleta de dados, mas como uma forma específica de habitar o campo e produção etnográfica a partir do movimento, da relação e do afeto. Rodrigues traz uma contribuição teórico-metodológica significativa quando defende que a dança é simultaneamente meio de acesso, forma de relação, modo de percepção e condição de produção do conhecimento etnográfico.

Amanda Raquel da Silva aproximou-se do campo do envelhecimento por meio de pesquisas voltadas para experiências de sociabilidade, cultura popular e marcadores sociais das diferenças. Ao longo de diferentes investigações, desenvolvidas desde a graduação até o doutorado, acompanhou grupos diversos de pessoas mais velhas em contextos marcados por desigualdades de gênero, raça, classe, sexualidade e território.

Indo além de um referencial teórico previamente estabelecido, a perspectiva interseccional foi sendo construída a partir das próprias demandas do campo. A convivência com diferentes interlocutoras e interlocutores evidenciou que não existe uma experiência homogênea de envelhecimento, mas múltiplas formas de envelhecer produzidas por trajetórias sociais distintas e por diferentes possibilidades de acesso a direitos, cuidados, desejos e pertencimentos.

As pesquisas realizadas em circuitos de forró frequentados por pessoas mais velhas no Nordeste brasileiro também evidenciaram a centralidade das sociabilidades, das corporalidades e dos afetos na experiência do envelhecimento. A convivência prolongada com interlocutoras e interlocutores, em temporalidades que atravessam diferentes pesquisas, tornou visíveis os atravessamentos éticos e afetivos do trabalho de campo, contribuindo para reflexões sobre os modos pelos quais relações de reciprocidade, cuidado e pertencimento participam da construção etnográfica.

É desse encontro entre percursos distintos e inquietações compartilhadas que emerge este dossiê, que pretende contribuir para o campo da antropologia do envelhecimento ao enfatizar experimentações teórico-metodológicas que tensionam as fronteiras entre experiência e análise, corpo e método, e pesquisa e vida social.

Experimentações teórico-metodológicas

A consolidação dos estudos sobre envelhecimento coincide, nas últimas décadas, com um movimento mais amplo de renovação teórico-metodológica na Antropologia. Reflexões sobre escrita etnográfica, antropologia sensorial, metodologias colaborativas, pesquisa-criação e experimentações audiovisuais têm tensionado modelos clássicos de investigação, deslocando a atenção para os modos pelos quais a pesquisa é construída, narrada e compartilhada. Desde os debates sobre reflexividade e escrita etnográfica até as contribuições de autoras e autores que enfatizam a afetação, a experiência, a colaboração e a dimensão sensorial do campo, como evidenciam Jeanne Favret-Saada (2005), Michael Jackson (1998), Tim Ingold, (2011) e Marilyn Strathern (1999), a pesquisa antropológica passou a reconhecer de modo mais explícito que conhecer implica também ser afetado, deslocado e transformado pelos encontros etnográficos.

Há um entendimento central de que a observação participante, enquanto processo teórico-metodológico intersubjetivo, ressalta um constante confronto com “novas experiências” (Peirano, 2014). Em diferentes campos, essa observação se transforma em

práticas experimentais de investigação — especialmente quando a pesquisadora ou o pesquisador traz consigo outras formas de ser e estar no mundo que se tornam inseparáveis do próprio fazer etnográfico.

Esse campo apresenta-se, nesse contexto, como um terreno particularmente fértil para tais experimentações. Pesquisar envelhecimentos implica acompanhar temporalidades alargadas, trajetórias marcadas por memórias, corporalidades em transformação, relações de cuidado e autonomia, experiências de desejo, prazer, sofrimento e finitude — temas que frequentemente desafiam categorias analíticas estabilizadas e exigem do fazer etnográfico formas de escuta, presença e escrita capazes de acolher a complexidade das experiências vividas. Ao acompanhar pessoas “mais velhas” em seus cotidianos, festas, espaços de sociabilidade, instituições de cuidado, movimentos políticos, ambientes domésticos ou plataformas digitais, pesquisadoras e pesquisadores são continuamente confrontados com questões éticas, afetivas e metodológicas: como narrar experiências marcadas pela memória e pela passagem do tempo? Como lidar com relações de cuidado que frequentemente extrapolam os limites convencionais da pesquisa? De que maneira incorporar ao texto antropológico os afetos, silêncios, corporalidades e temporalidades que constituem a experiência etnográfica?

Neste dossiê, o que une abordagens tão distintas quanto a poesia etnográfica, a fotoetnografia, o bordado, os diários de campo tornados contra-arquivos ou as “danço-conversas”? Não se trata, evidentemente, de uma unidade de técnica ou de linguagem. O que essas experimentações partilham é uma recusa comum: a recusa em tratar o método como um procedimento neutro, exterior à experiência do campo e anterior à produção do conhecimento. Em cada uma dessas apostas, o próprio modo de pesquisar torna-se parte da argumentação — o gesto manual que registra uma memória, a imagem que produz uma contravisualidade, o corpo que dança e ao mesmo tempo observa. Experimentar metodologicamente, nesse sentido, não é adotar uma técnica alternativa, mas assumir que a forma pela qual conhecemos é indissociável daquilo que é possível conhecer. É reconhecer que certos saberes — encarnados, relacionais, situados no tempo longo da convivência — só se tornam acessíveis quando o próprio fazer etnográfico se deixa atravessar por eles.

As velhices na Antropologia brasileira

Nas últimas décadas, o envelhecimento consolidou-se como um campo expressivo de investigação na Antropologia brasileira, acompanhando transformações demográficas, políticas e culturais que reposicionaram o envelhecimento no centro dos debates públicos e acadêmicos. Parte significativa dessa produção foi responsável por deslocar perspectivas que compreendiam a velhice sobretudo a partir de paradigmas biomédicos, do declínio corporal ou da dependência, evidenciando que envelhecer constitui uma experiência socialmente produzida e culturalmente situada.

Os trabalhos de Guita Grin Debert (1997; 1999) foram fundamentais para compreender a emergência da velhice como categoria social e política no Brasil, bem como os processos associados à valorização do envelhecimento ativo e à crescente responsabilização individual sobre o curso da vida. Em diálogo com tais discussões, pesquisas desenvolvidas por Júlio Assis Simões (1994; 2006; 2011) contribuíram para ampliar a compreensão das relações entre geração, sexualidade, sociabilidades e trajetórias biográficas, demonstrando como diferentes sujeitos negociam pertencimentos, desejos e projetos de vida ao longo do envelhecimento. Ao lado dessas contribuições, os estudos de Myriam Lins de Barros sobre família, memória e relações intergeracionais também participaram da consolidação do campo no Brasil.

Mais recentemente, o campo tem sido marcado pela ampliação de abordagens interseccionais que tensionam concepções universalizantes acerca do envelhecimento. Estudos de Carlos Eduardo Henning (2008; 2014; 2017) apontam como gênero, sexualidade, classe e geração atravessam experiências de envelhecimento, revelando desigualdades, disputas morais e diferentes possibilidades de reconhecimento social. As reflexões de Mirian Goldenberg (2011; 2015; 2017; 2021) chamam atenção para a centralidade do corpo, do desejo, da felicidade e dos projetos de autorrealização nas experiências de pessoas mais velhas em contextos urbanos contemporâneos. Paralelamente, pesquisas desenvolvidas por Rachel Aisengart Menezes e Andrea Moraes sobre cuidado, institucionalização, família e gestão da vida e da morte ampliam os debates sobre o curso da vida, vulnerabilidade e dependência, indicando como processos associados ao envelhecimento mobilizam disputas morais, afetivas e políticas em torno da produção de vidas consideradas dignas de cuidado e reconhecimento. Mais recentemente, os estudos sobre envelhecimento têm incorporado de forma crescente debates sobre raça, gênero, sexualidade, classe e território, tornando visível a multiplicidade das experiências de envelhecer no Brasil.

A partir dessas contribuições, tornou-se cada vez mais difícil pensar a velhice como uma categoria homogênea. Em seu lugar, emergem análises que enfatizam a existência de velhices múltiplas, atravessadas por marcadores sociais das diferenças e por distintas condições de acesso a direitos, cuidados e formas de pertencimento. Tal movimento não apenas expandiu o campo da Antropologia do Envelhecimento, mas também possibilitou que as velhices se tornassem um terreno privilegiado para refletir sobre corpo, memória, desejo, cuidado, temporalidade, sofrimento, prazer e produção de subjetividades no contemporâneo.

Percursos temáticos do dossiê

Os dez trabalhos reunidos neste dossiê podem ser lidos a partir de três eixos que se cruzam sem se excluir. Evidentemente, tais agrupamentos possuem caráter analítico. Muitos dos artigos transitam entre mais de um eixo, articulando simultaneamente experimentações narrativas, reflexões sobre pertencimento coletivo e análises das desigualdades que atravessam as experiências de envelhecimento.

Um primeiro eixo reúne trabalhos que investem em experimentações narrativas e metodológicas, mobilizando linguagens e práticas não convencionais como parte constitutiva do fazer antropológico. Imagens, manualidades, poesia e práticas corporais aparecem não apenas como recursos ilustrativos, mas como formas de acesso às experiências vividas e de construção da própria reflexão etnográfica. Nesse conjunto situam-se o ensaio visual de Aline de Jesus Maffi, as bordografias propostas por Maria Laura Medeiros Bleinroth, a pesquisa de Juliana Marco sobre o crochê como prática etnográfica e a aposta de Natalia Negretti na poesia etnográfica como linguagem capaz de registrar afetos, movimentos e dimensões sensoriais frequentemente ausentes das narrativas acadêmicas convencionais.

Um segundo eixo reúne pesquisas que indicam a centralidade da memória, do território, das espiritualidades e dos saberes coletivos nas experiências de envelhecimento. Ao acompanhar comunidades quilombolas, movimentos de saberes tradicionais e congregações religiosas, os trabalhos mostram que envelhecer é também produzir continuidade, transmitir conhecimentos e sustentar vínculos comunitários. Integram esse eixo os artigos de Taisa Lewitzki sobre as benzedeadas do Movimento Aprendizes da Sabedoria, de Mayara Stephany Araujo Ferreira e Andressa Lidicy Morais-Lima sobre o quilombo Andirobal, e de Ana de Souza acerca das Filhas do Sagrado Coração de Jesus.

Em diferentes contextos, as pessoas mais velhas emergem como guardiãs de memórias, práticas e formas de pertencimento que articulam passado, presente e futuro.

Um terceiro eixo reúne pesquisas voltadas para as desigualdades, os sofrimentos e os processos institucionais que atravessam as velhices. Ao analisar experiências em instituições de longa permanência, os silêncios em torno do sofrimento psíquico e os efeitos do juventude-centrismo no ensino superior, os artigos mostram que o envelhecimento é também produzido por relações de poder, normas sociais e formas de exclusão. Nesse conjunto situam-se os trabalhos de Paulo Dourian Pereira de Carvalho, de Franciely Fernandes Duarte e colaboradores, e de Delson, que, por diferentes caminhos, problematizam os modos pelos quais determinadas experiências de envelhecimento são invisibilizadas, administradas ou submetidas a processos de desigual reconhecimento.

Reunidos, os trabalhos que compõem este dossiê indicam como as velhices constituem um terreno particularmente fértil para experimentações teórico-metodológicas na Antropologia. Por meio das imagens, das manualidades, dos diários, das narrativas, da poesia etnográfica ou das epistemologias do cotidiano — e através de abordagens colaborativas, afetivas e interseccionais — os artigos demonstram que pesquisar envelhecimentos implica inventar formas de escuta, registro e análise capazes de acolher memórias, territorialidades, desigualdades, temporalidades e saberes produzidos pelas próprias pessoas velhas, que frequentemente escapam aos modelos tradicionais de representação. Em conjunto, os trabalhos reafirmam a potência das velhices como campo privilegiado para a renovação das práticas etnográficas e para a ampliação dos modos de fazer Antropologia.

Indo além de um conjunto de pesquisas sobre envelhecimento, os textos aqui reunidos demonstram que as velhices constituem um lugar privilegiado para pensar os próprios limites e possibilidades da prática antropológica. Ao acompanhar memórias, corpos, afetos, temporalidades e relações de cuidado, somos também convidados a reinventar os modos pelos quais observamos, narramos e produzimos conhecimento sobre o mundo social.

Referências

BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / FAPESP, 1999.

DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio Assis. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e velhice: textos didáticos*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. p. 31-48.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, 2005.

GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. *Por que os homens preferem as mulheres mais velhas?* Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. *A invenção de uma bela velhice*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HENNING, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

HENNING, Carlos Eduardo. *Paixões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. 2014. 422 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "idosos LGBT". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 283-323, jan./abr. 2017.

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge, 2011.

JACKSON, Michael. *Minima Ethnographica: Intersubjectivity and the Anthropological Project*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

MENEZES, Rachel Aisengart. *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond / Editora FIOCRUZ, 2004. 228 p.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, online, v. 20, n. 42, 2014.

SIMÕES, Júlio Assis. Solidariedade intergeracional e reforma da previdência. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 169-181, 1997.

SIMÕES, Júlio Assis; DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1366-1373.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 51, jun. 2011.

STRATHERN, Marilyn. *Property, Substance and Effect: Anthropological Essays on Persons and Things*. London: Athlone Press, 1999.